SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA DA UFJF 2018

19 de novembro:

- Conscientização da Memória Local.

10h- 14 h – Largo Rosa Cabinda e Praça Theópilo.
Proponente: **Coletivo Negro Resistência Viva**.

- Batuquedelas: batucada para mulheres.

16 horas – Hall da Reitoria.
Proponente: **Fabrícia Valle** (Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora, onde também se graduou, formada em Percussão Popular pela Bituca Universidade de Música de Barbacena; pesquisa as questões étnico-raciais no cancioneiro popular brasileiro).
Resumo: Proposta musical iniciada em 2013, idealizado pela batuqueira Fabrícia Valle, com o empenho de mediar o acesso à batucada, tendo as mulheres como público-alvo. Visando melhorar a qualidade de vida das mesmas e transformações através do fazer musical. Trabalhando com a ideia de que instrumentos de percussão de diferentes contextos culturais podem coexistir em uma mesma batucada, contribuindo para que a prática musical aconteça de modo lúdico e dinâmico, construindo o ritmo como linguagem artística. Nesses cinco anos de existência, o Batuquedelas vem assumindo variados formatos e parcerias, de acordo com as condições e recursos musicais de cada espaço/parceiros, bem como o interesse do público atendido. Assim, tende a se constituir como lugar de ampliação e troca de saberes musicais, por meio da prática de ritmos executados em contexto brasileiro, atuando como dispositivo de maior autonomia e empoderamento feminino.

- 1º Encontro de Negras e Negros da UFJF.

17 horas – Anfiteatro da Reitoria.
Proponentes: DIAAF; Coletivo Negro Resistência Viva; Coletivo Descolônia.
Resumo: Roda de Conversa com Estudantes, Docentes e Tecnico-administrativos Negras e Negros da UFJF.

20 de novembro:

- Ações formativas de um núcleo de estudos afro-brasileiros na educação básica: possibilidades para o enfrentamento do racismo.

Oficina de 8 horas.
Proponente: **Gustavo Pinto Alves da Silva** (Professor da SME/RJ. Mestre em educação pela UFRRJ. Especialista em Política da Promoção da Igualdade Racial pela UFOP. Especialista em Educação e Relações raciais pela UFF. Membro Pesquisador do Laboratório de Estudos Aprontos Multimídia –LEAM da UFRRJ).
Resumo: O minicurso está dividido em dois momentos. A primeira parte será mais teórica, tendo como objetivo uma abordagem dos aspectos leis que orientam para uma educação da às relações étnico-raciais. O segundo momento trás uma abordagem histórico-pedagógica, da criação do NEAB em uma escola de ensino fundamental, bem como suas atividades são pensadas e colocadas em prática junto a todos os membros da escola. Serão apresentadas sugestões de projetos e atividades para sala de aula.
1ª parte: dinâmica dos valores civilizatórios afro-brasileiros: circularidade, oralidade, memória, ancestralidade, musicalidade.
2ª parte: apresentação histórico-pedagógica do núcleo de estudos Afro-brasileiros AYÓ; sugestões de atividades (livros, músicas, bonecas, filme etc).

- Saúde Mental dos Sujeitos Negros: as nuances entre a resistência e o autocuidado.

19 horas – Anfiteatro da Reitoria.
Mesa de debates: **Naiara Santos e Silva** (Psicóloga, especializanda em Saúde Mental e Atenção Psicossocial; Psicóloga do Instituto Vida - Centro de Atendimento Psicológico); **Emmanuella Calazans** (Integrante do Coletivo ODOYÁ de PsicólogxsNegrxs de Juiz de Fora e Região. Integrante do grupo de artes cênicas e políticas As Ruths. Estágiária no Departamento de Políticas para Pessoas com Deficiência e Direitos Humanos da Secretária de Desenvolvimento Social de Juiz de Fora – DPCDH – SDS).
Proponente: Coletivo Negro Resistência Viva.

Resumo: O ato de resistir constitui a existência de toda pessoa negra (estando esta consciente ou não do racismo). Silva (2017) diz que o negro pode ser consciente de sua condição, das implicações histórico-políticas do racismo, mas isso não impede que ele seja afetado pelas marcas que a realidade sociocultural do racismo deixou inscritas em sua psique. Para que o trauma da discriminação possa ser assimilado, acomodações psíquicas devem ser feitas para que a vida se torne ao menos suportável. Esta suportabilidade desenvolvida ao longo da vida dos sujeitos negros, através da resistência se constitui geralmente, a partir de experiências de sofrimento. Cuidar de si mesmo e se reconhecer enquanto sujeito de direito ao cuidado, é algo que precisa ser estimulado entre os negros, que geracionalmente aprenderam que "não tem tempo para tristeza, pois precisam trabalhar". Compreender e iniciar o autocuidado é uma demanda urgente dentre as lutas internas que os indivíduos negros travam todos os dias.

21 de novembro:

- **O Negro Frente ao Acesso ao Mercado de Trabalho: considerações à luz do Ministério Público do Trabalho**.

14 horas – Faculdade de Serviço Social.

Palestra: **Dra. Silvana da Silva** (Procuradora do Trabalho em exercício na Procuradoria do Trabalho no Município de Juiz de Fora/MG. Vice-Coordenadora Nacional da Coordenadoria Nacional de Promoção de Igualdade de Oportunidades (Coordigualdade). Ex-juíza do trabalho no TRT da 1ª Região).

Proponente: Ministério Público do Trabalho - Coordenadoria Nacional de Promoção de Igualdade de Oportunidades (Coordigualdade).

Resumo: Por meio do Grupo de Trabalho denominado "Raça", a Coordenadoria visa sistematizar a atuação do Ministério Público do Trabalho na proteção do direito fundamental à igualdade, ao trabalho decente e não-discriminação da população negra, com ênfase na promoção da igualdade racial nos canais de televisão aberta do Brasil, como forma de instrumentalizar a representatividade da negritude brasileira nesses espaços de trabalho, bem assim de subsidiar a atuação do Projeto Nacional de Inclusão Social de Jovens Negras e Negros no Mercado do Trabalho.

- **Com Ciência Negra**.

18 horas – Faculdade de Engenharia.

Mesa: Zélia Ludwig, Giovana Castro, Fernanda Ferreira e Diego Miranda e Adenilde Petrina.

Apresentação Cultural: Coletivo Vozes da Rua.

Proponente: PET Civil UFJF, Faculdade de Engenharia.

Resumo: A mesa redonda "Com Ciência Negra", que tem como tema a representatividade negra no cenário científico e tecnológico após 130 anos da abolição da escravatura, acontecerá no dia 21/11 às 18h no Auditório da Cantina/Faculdade de Engenharia. O objetivo da mesa redonda é conscientizar a população acadêmica sobre a questão racial no Brasil e abordar a representatividade e atuação da população negra na ciência e tecnologia, assim como os desafios enfrentados por essas pessoas na ciência devido ao racismo estrutural e institucional.

22 de novembro:

- **Por uma Teoria Amefricana dos Direitos Humanos: Raça e Gênero em Tempos de Crise**.

22, 23, 26 de novembro.

14 horas - Serviço Social.

Mini-curso de 3 sessões de 4 horas de duração (12 horas).

Proponente: Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da OAB.

Responsáveis: **Luiz Carlos Silva Faria Junior** (Doutorando em Teoria do Estado e Direito Constitucional pela PUC-Rio. Mestre em Direito e Inovação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisador Associado ao Homa – Centro de Direitos Humanos e Empresas da UFJF. Professor Associado à FACSUM – Faculdade do Sudeste Mineiro e FJF – Faculdade de Juiz de Fora. Advogado inscrito na 4ª Subseção da OAB/MG e membro das Comissões de Direitos Humanos e Cidadania e de Promoção à Igualdade Racial); **Ilazir Veiga** (Advogada. Integrante das comissões de Direitos Humanos e Cidadania e da Promoção de Igualdade Racial da OAB/JF. Palestrante sobre a temática de questões voltadas à comunidade negra. Militante e Especialista em Religião e Religiosidades Afro Brasileiras pela UFJF.).

Resumo: Na marca de 130 anos da "abolição" e de 30 anos da Constituição "cidadã", a população negra e ameríndia ainda é o principal alvo das violências do Estado e de seus processos de supressão de direitos. Diante

deste quadro, é preciso investigar as estratégias historicamente aplicadas na perpetuação do racismo que estruturou as sociedades latino-americanas através da categoria político-cultural da amefricanidade, como desenvolvida por Lélia González. A proposta da construção de uma teoria amefricana dos Direitos Humanos exige que nos debrucemos sobre a empresa colonial na América Latina e sobre os múltiplos mecanismos de desumanização, controle e extermínio das populações ameríndias e amefricanas. Inicialmente, pretende-se refletir sobre a colonialidade, nas suas múltiplas dimensões e a conformação da América Latina como locus de exploração e de negação de humanidade a negrxs e indígenas. Posteriormente, objetiva-se investigar a dupla construção de razões negras no continente, dialogando com a categoria humanidade e com os processos de resistência à desumanização. Por fim, pretende-se discutir a hipótese de construção de uma teoria dos Direitos Humanos em pretoguês, a partir do lugar das resistências negras e ameríndias.
Sessão 1. Colonialidade, Raça e Gênero na construção da Améfrica;
Sessão 2. O Resgate da Humanidade negada;
Sessão 3. Direitos Humanos em Pretoguês: Existência e Resistência em Tempos de Crise

- **Ginecologia autônoma**.

14 horas – Teatro João Carriço.
Roda de Conversa.
Proponente: Fernanda do Nascimento Thomaz.

- **Diálogo com mulheres negras: atuação política e transformação social**.

19 horas – Teatro João Carriço.
Mesa: **Jaciana Melquíades** (graduada em História pela UFRJ, proprietária da empresa "Era uma vez", que luta pela representatividade das crianças negras no ato de brincar), **Giovana Castro** (doutoranda da UFJF, com pesquisa ligada a temáticas de gênero, raça, classe e feminismo negro; membro do Candaces – organização de Mulheres Negras e Conhecimento; profa. de História da Rede Municipal de Juiz de Fora), **Naiara Santos e Silva** (graduada em Psicologia pela Fac. Machado Sobrinho; trajetória acadêmica e profissional e social marcadas pelas lutas contra o racismo e o machismo), **Zélia Lúcia Lima** (Presidente do Conselho Municipal da Igualdade Racial; integrante do Batuque Afro-brasileiro Nelson Silva).
Proponente: Fernanda do Nascimento Thomaz.

23 de novembro.

- **"Que cor é a minha cor?" como o professor do ensino fundamental (anos iniciais e finais) pode trabalhar a valorização da identidade dos seus alunos em sala de aula**.

09 horas – Faculdade de Letras.
Proponentes: **Andressa Lima Talma** (mestra em Educação pela UFJF, especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana: Educação para as Relações Étnico-raciais, pela UFJF; graduada em Pedagogia pela Faculdade Metodista Granbery, coordenadora Pedagógica da rede Municipal de Juiz de Fora), **Cristina Aparecida Sancho** (Mestranda em Estudos Literários pela UFJF, Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana: Educação para as relações étnico-raciais pela mesma instituição e Graduada em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, professora de educação básica na Secretária de Estado de Educação de Minas Gerais).
Resumo: A oficina proposta pretende apresentar alguns livros que podem ser utilizados para trabalhar a questão racial nas escolas, de forma a valorizar a história e cultura africana e afro-brasileira ao longo do ano. Serão apresentadas sequências didáticas envolvendo diversos conteúdos presentes no currículo da educação básica, em várias disciplinas e de acordo com o ano de escolaridade da turma. Dessa forma, o trabalho poderá ser desenvolvido de acordo com determinado livro por diversas aulas, trabalhando a alfabetização, ortografia, gêneros textuais, geografia, história, dentre outros, pois assim que a LDB orienta, trabalho interdisciplinar. Após a apresentação dos livros e modelo de sequência didática, confeccionaremos marcadores de livros com símbolos Adinkras utilizados em Gana, Costa do Marfim e Togo. Daremos ainda, sugestões de atividades com poesia para os anos finais (Slam poético).

- **Hoje é dia de branco: contextualizando a identidade racial branca na promoção e manutenção do racismo**.

14 horas – Faculdade de Medicina.

Proponente: **Marcelo dos Santos Campos** (mestrando Saúde Coletiva na Faculdade de Medicina da UFJF; graduado em Medicina pela mesma instituição. Direcionou a trajetória profissional na área de Medicina de Família e Comunidade por 20 anos. Coordenador do programa de residência médica em Medicina de Família e Comunidade da Secretaria de Saúde da prefeitura de Juiz de Fora).

Resumo: A oficina se propõe a contextualizar o racismo e as desigualdades raciais pela perspectiva da influência da identidade racial branca, com ênfase nos Estudos Críticos da Branquitude. Objetiva-se criar um espaço de reflexão a partir de metodologia participativa, a partir da qual pretende-se abordar características estruturais da branquitude que favoreçam a promoção e a manutenção do racismo, tais como: a construção sócio histórica da branquitude; experiências e construções dos sujeitos brancos enquanto pessoas racializadas e as influências nas relações raciais; mito da democracia racial; teoria do branqueamento; a miscigenação como símbolo de nacionalidade brasileira e os privilégios materiais e simbólicos da brancura, que determinam a construção de uma sociedade racialmente hierarquizada. Problematizar a identidade racial branca como elemento essencial nesse campo de discussão é um desafio fundamental na busca de alternativas ao combate das desigualdades raciais em nossa sociedade.

26 de novembro.

- **Relações étnico-raciais na escola**.

26 e 27 de novembro - Oficina de 2 sessões de 4 horas (8 horas).

18 horas – Faculdade de Educação.

Proponente: **Jussara Alves da Silva** (mestranda em Educação pela UFJF; Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e Educação para as Relações Étnico-raciais e Graduada em Pedagogia pela mesma instituição. Supervisora pedagógica da E.E. Pe. Frederico Vienken S.V.D e professora regente das séries iniciais do ensino fundamental na rede municipal da cidade de Juiz de Fora/MG, coordenadora do eixo de relações étnico-raciais e gênero da supervisão de atenção à educação na diversidade do departamento de inclusão e atenção ao educando).

Obs.: materiais solicitados as/aos participantes: uma bola de meia para cada pessoa, cola branca, folhas coloridas, tesoura, régua, malha preta, retalhos estampados, rolo de papel higiênico, 2 garrafas pet de 200ml, barbante, areia, papel crepon de cores variadas, fita crepe, lápis de cor, giz de cera, guache com as cores primárias, pincel, um cabo de vassoura.

Resumo: As oficinas "Relações étnico-raciais na escola", trazem contribuições práticas à implementação da Lei 10.639/03 e 11.645/08 acerca do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena em espaços escolares formais ou não, de modo a instrumentalizarem docentes e graduandos das diversas licenciaturas à inserção da temática no currículo/cotidiano escolar de forma lúdica, consciente, formativa e reflexiva. O fio condutor serão os valores civilizatórios afro-brasileiros através de metodologias que priorizam a afrocentricidade, a coletividade, a decolonialidade e o pensamento pluriversal. Haverá momentos com narrativas, canções e brincadeiras afro-indígenas bem como a confecção de artefatos, brinquedos e instrumentos para vivências e experimentações interculturais. Também será estimulado a constante reflexão e rompimento de paradigmas bem como adaptações, releituras e ressignificações do todo abordado, conforme as variadas demandas e especificidades.

- **Abayomi: o valor de uma boneca**.

9 horas – Faculdade de Educação.

Proponentes: **Driely de Abreu Salgado Santos**; **Ana Cláudia Ângelo Ávila** (graduandas em Pedagogia pela UFJF).

Resumo: A boneca Abayomi é símbolo da ancestralidade e resistência mães negras. Contaremos a história sobre sua origem, no interior dos tumbeiros. Durante a terrível travessia, as mães rasgavam as próprias roupas para confecção das bonecas, dadas as crianças com a intenção de às acalentar. A palavra Abayomi tem origem em Iorubá e significa 'Encontro precioso'. Quando em Terras Brasileiras, as mães muitas vezes eram separadas de seus filhos, e a boneca seguia como amuleto para proteção das crianças. Trabalhar a história das bonecas, pode ser uma atividade rica no sentido de levar a cultura Africana para a sala de aula, discutindo assim, a importância histórica e social desta prática. Daremos continuidade a oficina assistindo, então, a um vídeo no youtube "História da boneca Abayomi - Noeli Souza" e faremos a boneca com os participantes.

- **Abordagem da violência contra jovens negros na atenção básica**.

14 horas – Faculdade de Enfermagem.

Proponente: **Cosme Rezende Laurindo** (Enfermeiro pela UFJF; Residente do Programa de Residência Multidisciplinar em Saúde Mental do HU-UFJF / EBSERH).

Resumo: A violência é um fenômeno complexo, de caráter interdisciplinar, hoje um problema de saúde pública. Contudo, verifica-se assistência desqualificada, com intervenções pontuais, ausentes ações intersetoriais. Pode-se associar este desfecho à fragmentação com a qual o tema vem sendo abordado nos currículos dos cursos da saúde, tendo como consequência a formação de profissionais com fragilidades para identificação e cuidado às vítimas de violência. Ao se falar em violência contra a juventude negra, perpassasse pela discussão de racismo estrutural, necessitando construção de conhecimento quanto aos espaços em que ocupam atualmente, sendo maioria no número de homicídios e privados de liberdade. A atenção básica de saúde, representada pelas Unidades Básicas de Saúde-principal porta de entrada da rede de atenção à saúde -, é potente equipamento para intervenção no campo da violência, necessitando de profissionais preparados e cientes da linha de cuidado existente, conteúdo desta oficina.

27 de novembro.

- **Intelectuais Negras**.

27, 28 e 29 de novembro.

14 horas – ICH (03 sessões de quatro horas).

Proponentes: Denise do Nascimento Santos, Giovana de Carvalho Castro, Jerusa Paulino, Jéssica Campos Martins, Naiara Santos e Silva (Programa de Pós-Graduação em História - PPGH – UFJF).

Resumo: O minicurso visa dialogar com a obra das intelectuais negras Audre Lorde, Beatriz Nascimento, bell hooks, Carla Akotirene, Chimamanda Adichie, Jurema Werneck, Patricia Hill Collins, Grada Kilombo, Sandra Abdala e Sueli Carneiro, referências para a elaboração de um pensamento racial interseccionado com gênero. Para tanto a discussão estará focada em dois questionamentos basilares: O que é ser uma intelectual negra quando as estruturas sócio-raciais escolhem os sujeitos que representam e validam os paradigmas acadêmicos? A marginalidade e subalternidade legadas às mulheres negras tensiona os ambientes em que estas estão inseridas transformando suas experiências e saberes em recursos para novas metodologias e narrativas? Para respondê-las usaremos os referenciais construídos pelas autoras evidenciando as formas de resistências utilizadas por essas mulheres e propondo uma reflexão acerca da interseccionalidade entre racismo, sexismo, além das opressões de classe e da discriminação sexual.

- **Devir-Negro do Mundo: encontro filosófico entre o negro Achille Mbembe e os brancos Deleuze e Guattari**.

14 horas – Faculdade de Arquitetura.

Proponente: **Tarcísio Moreira Mendes** (Doutorando e mestre em Educação pela UFJF. É ator e performer e professor de arte, próximo ao Caps e pesquisador associado ao Travessia Grupo de Pesquisa - certificado pelo CNPq).

Resumo: Esta oficina se propõe a pensar o conceito de *devir-negro do mundo*. Que novo movimento mundial é inaugurado se toda humanidade subalterna desse conta de que se torna, cada vez mais neste mundo globalizado, "efetivamente negra", como provoca o filósofo camaronês Achille Mbembe, no livro "Crítica da Razão Negra"? Que outras políticas de identidade são ainda possíveis de serem experimentadas por um devir-negro do mundo? O conceito *devir* produzido por Gilles Deleuze e Félix Guattari nas obras O anti-Édipo e Mil Platôs é um convite a pensar para além da dicotomia, da Falta, da Identidade com exclusão; devir não é imitar ou negar uma forma, mas pôr todas as formas em movimento. O encontro entre a filosofia de Mbembe, Deleuze e Guattari inaugura uma aliança multirracial que denuncia o racismo do projeto da Modernidade e sobretudo, põe a pensar um novo mundo no qual o negro é então convocado a pensar sobre si mesmo e a inventar uma nova raça por vir.

- **Onde estão as arquitetas negras na arquitetura e urbanismo**.

17 horas – Galpão da Faculdade de Arquitetura.

Proponentes: Dayane Máximo, Inês Rosa Hebo, Larissa Angélica, Larissa Gabrielle, Letícia Alves e Letícia D. Bandeira (Graduandas em Arquitetura e Urbanismo na UFJF).

Resumo: A motivação para unirmos e realizar tal intervenção partiu da percepção de que o curso arquitetura e urbanismo, ao citar referências de arquitetos, utiliza majoritariamente brancos do sexo masculino. A partir disso, nos demos conta do quanto nós mulheres negras não somos representadas no campo acadêmico. Não nos víamos no corpo discente, nem no corpo docente, muito menos no campo teórico e prático. Com isso tivemos a ideia de criar um painel questionando a nossa presença na arquitetura, e logo em seguida, mostrando que nós existimos sim! Estamos presentes, e fazendo arquitetura diariamente, mesmo sendo tão pouco valorizadas. Tomando como

base a teoria do caos e o efeito borboleta, a intenção é fazer com que o conhecimento se torne nosso teletransporte e no meio do caos, batermos asas juntas, partindo do simbolismo que a borboleta representa e se manifesta, seja em sua metamorfose ou sendo a protagonista de uma teoria de um movimento. O que se faz hoje, transforma não só a nós, mas a todos que nos cercam.

28 de novembro.

- Sarau.

- 14 horas – Auditório da Reitoria.

Proponente: Coletivo Descolonia.

Resumo: djs, microfone aberto, performance, varal com releituras da exposição de Jorge dos Anjos e outros artistas que tenham religião afro como referência - Eliane Bettocchi.

- Cinedebate.

19 horas – Auditório da Reitoria.

Proponente: Coletivo Descolonia.

Resumo: filmes Besouro ou animação sobre orixás e discussão sobre representação da religiosidade afro-brasileira no audiovisual - Eliane Bettocchi.

- **O que passa pelo corpo nos liberta?**

18 horas – ICH.

Grupo de Artes Cênicas e Políticas As Ruths.

Proponentes: Giane Elisa Sales de Almeida, Denise do Nascimento Santos, Emmanuella Calazans, Fabiana Gomes, Maria Luiza Igino Evaristo e Sheila Gonçalves (participantes de 'As Ruths', grupo de artes cênicas, criado, dirigido e produzido por mulheres negras de Juiz de Fora).

Resumo: A oficina tem como proposta, a partir da apresentação da esquete "Desmedidas: crônicas da Diáspora" do Grupo de Artes Cênicas e Políticas As Ruths e das referências do Teatro Experimental do Negro de Abdias Nascimento e do Teatro do Oprimido de Augusto Boal mostrar como as experiências coletivas e pessoais podem construir narrativas cênicas. Além disso, a oficina propõe refletir e dialogar sobre a construção das corporeidades negras diaspóricas no Brasil. Como aquilo que passa pelo corpo, o que sentimos e construímos pode influenciar a vida?

29 de novembro.

- **Dos jogos africanos à capoeira, uma aproximação com a educação física escolar**.

14 horas – Galeria do IAD.

Proponentes: **Aellanene Luiz Rosa Guimarães** (Graduada Educação Física - UFSJ, 2011 e Mestre em Educação - UFSJ, 2012/2014. Docente Faculdade Santa Rita – FASAR).

Resumo: É perceptível ainda hoje, mesmo com todos os avanços em busca da democratização dos saberes africanos e afro-brasileiros, um distanciamento destes com a educação e com a educação física escolar. Ainda é grande a dificuldade dxs professorxs em inserir atividades e conteúdos que contemplem este grupo. Sendo assim o minicurso propõe uma reflexão sobre a necessidade e a importância de se inserir as práticas corporais africanas e afro brasileiras nas aulas de educação física, tendo fio condutor os jogos e brincadeiras e a capoeira. O minicurso tem como objetivo aproximar a educação física escolar e as culturas africanas e afro-brasileiras, indicando estratégias para tal inserção, através de práticas e vivências. Consideramos importante vivenciar de maneira critica as manifestações corporais africanas, para que seja possível compreender, afirmar e respeitar as diversas culturas, principalmente uma que faz parte da nossa construção identitária.

- **Encontro com rainhas, princesas e guerreiras na E. M. Murilo Mendes**.

Apresentação Cultural.

17h – Galeria do IAD.

Proponentes: **Rosemayre Botto Andrade** (Aluna do Curso de Ciência da Religião da UFJF, professora do Projeto Laboratório de Aprendizagem da E. M. Murilo Mendes e Mestre em Educação pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora); **Vanda Maria Ferreira** (Especialista em Literatura e Cultura Afro – Brasileira pela UFJF. Graduada em Psicodrama Socioeducativo, pela SOBRAPJF. É contadora - e encantadora - de

estórias, levando ao público apresentações de contos, mitos e lendas populares através de sua personagem Odara Dandara. Autora do livro infanto-juvenil "O julgamento do João Jiló" e do livro de poesias "Sentimentos". Integrante do grupo Caravanas de Histórias e da LEIAJF - Liga de escritores, ilustradores e autores de Juiz de Fora).

Resumo: Na escola pública, o aprender a respeitar a imagem que tem de si e ter modelos que confirmem essa expectativa aparece como uma ferramenta imprescindível. No processo pedagógico "... a dificuldade de identificação positiva de alunos (as) negros (as) com a escola" (CAPUTO, 2012, p.208) nos direcionou ao trabalho de literatura para abordar o processo de construção e afirmação identitária, oportunizando ver a cultura negra retratada de um modo positivo. A proposta de apresentar o trabalho desenvolvido na E. M. Murilo Mendes, envolve a contribuição e a oportunidade de visibilizar a herança da tradição oral africana e afro-brasileira através da contação de histórias, no trabalho de empoderamento e fortalecimento da diversidade cultural, através da personagem Odara Dandara. Ação que visa aproximar pessoas e desmistificar preconceitos e estereótipos em consonância com a proposta da lei 10.639/03.

- **Medalha Nelson Silva**.

19 horas – Câmara Municipal de Juiz de Fora.

30 de novembro.

- **Cultura de Rua**.

09 horas – Galpão da Arquitetura.

Proponentes: Izabela Pereira Fonseca; Alice Mayer (Bolsista de TP – PROGRAD no Projeto "Núcleo Integrado de Danças da UFJF" (Nidu) da Faculdade de Educação Física e Desportos – Faefid - Departamento de Ginástica e Arte Corporal – GAC).

A "Roda Cultural" é um projeto da Faefid/UFJF, vinculado ao "Núcleo Integrado de Danças da UFJF". Prevê a troca de conhecimentos relacionada à criação de diferentes grupos de alunos dos cursos de Educação Física sobre suas vivências acadêmicas, por meio do movimento expressivo da unidade corpórea, a partir da construção coletiva. Neste período letivo, ocorrerá a sua segunda versão, cujo tema é "Cultura de Rua". A Rua é de todos e para todos, na apropriação e ocupação de espaços. Esse pertencimento e possibilidade de ocupação se fragilizam na sociedade consumista e individualista, em que o "pertencer" é condicionado ao domínio de uma doutrina hegemônica. A exclusão ocorre como estruturada consequência e a Rua acolhe, precariamente, a marginalidade negra, feminina, pobre, homossexual, infantil, deficiente, idosa. Uma identidade cultural é definida no vazio, com o vazio. A fim de desconstruir tal estigma, pretende-se discutir e ampliar o significado de "Cultura de Rua".

- **A diversidade étnico-racial presente nas literaturas infanto/juvenil e afro-brasileira**.

Oficina.

14 horas – Faculdade de Educação.

Proponente: José Artur do Nascimento Silva (Mestre em Educação pela UFAL, Especialista em Formações de Professores em Mídias na Educação e Graduado em Pedagogia pela mesma instituição; atua especificamente nos temas que se reportam às Relações Étnico-raciais, Comunidades Quilombolas e Educação; Professor na rede Municipal de Ensino na cidade de União dos Palmares, Alagoas).

Resumo: Esta oficina, se propõe a apresentar aos cursistas, literaturas infanto-juvenis, onde a maioria dos personagens são negros e/ou heróis. Pois, consideramos de suma importância sermos representados neste universo, onde a maioria dos personagens são brancos e ocupam papel de destaque no cenário literário infantil, se pensarmos, por exemplo, nos "clássicos da literatura infantil. Propõe-se então, uma "quebra desta hegemonia branca" e apresentar-lhes outras, onde a maioria ou todos os personagens são negros e/ou heróis. Objetivando desenvolver discussões voltadas para a educação da relações étnico-raciais por meio da literatura-infanto-juvenil e afro-brasileira com personagens negros, contribuindo para o fortalecimento das identidades étnicas das crianças negras e não negras. Para tanto, a oficina proporcionará aos cursistas um olhar mais cuidadoso acerca da temática diversidade/raça, a partir da leitura de histórias que contemplem a diversidade que aflora o nosso país, bem como de sugestões de atividades voltadas para o respeito as diferenças e à educação das relações étnico-raciais. Desse modo, espera-se que com a oficina possa haver uma aproximação, um maior entendimento das temáticas da educação das relações étnico-raciais através da literatura infanto-juvenil e afro-brasileira.

- **Hiphoplogia**:

18 horas – Faculdade de Educação.

Proponente: Christyanne Assis Barreiros (Mestranda em Educação pela UFJF, Licenciada em Pedagogia e Graduanda em Ciência da Religião pela mesma instituição. Militante na Cultura Hip Hop como Movimento Social e atuação com projetos no mesmo, no âmbito de Hip Hop e Educação. Atou no Centro de Ciências da UFJF com o Ensino de ciências de maneira lúdica e no Ensino de Química para surdos. Além de ter feito parte do PIBID de Ensino religioso lecionando tal disciplina na E. E. Professor José Freire em Juiz de Fora, MG).

Resumo: Entendendo a cultura Hip Hop como de resistência negra, sobretudo jovens de periferia nossa proposta é trazer para o campus um pouco da vivência e das manifestações artísticas e políticas da cena em Juiz de Fora. Depois da experiência com o projeto Educarte que visitou mais de 20 escolas de periferia e foi aprovado na Lei Murilo Mendes em 2014, o Hiphopologia teve participação em algumas edições do Domingo do Campus. Atualmente vem atuando com um grupo de estudos composto por diversos jovens. Para a Semana da Consciência Negra viemos propor um evento com a atuação dos 5 elementos da Cultura Hip Hop (MC, DJ, GRAFFITI e BREAKING). Nesta atividade com duração de 4 horas teremos apresentações de RAP, discotecagem, Jam Session de Breaking, batalha de tag do Graffiti, sarau de literatura marginal, aulão de passinhos de funk e batalha de MCs. Gostaríamos de poder ocupar também esse espaço para as Faculdades possam falar menos do Hip Hop e conhecê-lo um pouco mais

CAMPUS GOVERNADOR VALADARES:

Racialidades: a História e a Cultura da População Negra no Brasil.
Oficina - PROGRAMA NAGO (Núcleo de Agroecologia - Projeto Pluriversidade dos Povos e Comunidades Tradicionais do Watu: Educação Intercultural e Bem Viver no Vale do Rio Doce) CRDH (Centro de Referência em Direitos Humanos).
Proponentes: Reinaldo Duque Brasil; Gustavo de Almeida Santos; Pedro Zanelatto Carneiro.
Departamento de Ciências da Vida.

Cine Acadêmico - Exibição do documentário Raças Humanas (UnB).
Atividade Cultural: Na expectativa de contribuir com o debate a respeito do Mês da Consciência Negra, o Cine Acadêmico da UFJF-GV realiza a exibição do documentário "Raça Humana", produzido pela UNB. O documentário narra uma questão espinhosa no Brasil: as cotas raciais nas universidades. Para falar sobre um assunto ainda considerado tabu, "Raça Humana" ouviu alunos cotistas e não-cotistas, professores, movimentos organizados e partidos políticos, tendo a formação histórica do Brasil como pano de fundo na discussão sobre as cotas. O documentário foi produzido pela TV Câmara e venceu a 32ª edição do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, em 2010.
Roda de conversa: Abab Nino e Gilsa Santos.
Data: 20 de novembro (terça-feira), às 10h, na sala 411 do Pitágoras.
Proponente: Flávia Carvalho.
Setor de Comunicação, Cultura e Eventos e Curso de Medicina da UFJF-GV.

Vamos Ler!
Resumo: Exposição de textos e poemas de escritores negros em diferentes espaços na UFJF-GV.
Quantos livros de autores negros você já leu? Acreditamos que pelo menos Machado de Assis conste em sua lista, já que ele é um dos poucos mestiços que compôs a Academia Brasileira de Letras (ABL) até os dias de hoje. Para a pesquisadora Fernanda Sampaio Carneiro (2015), a academia é branca e masculina, sendo que dos seus 288 acadêmicos não há nenhum negro ou índio, apenas alguns mestiços, e apenas oito mulheres. Neste novembro, o Vamos Ler! indica ótimas produções feitas por um grupo de escritores que, apesar da resistência, insiste em ser esquecido pelas instituições culturais de nosso país. Entre esses autores está Conceição Evaristo, escritora mineira indicada para ocupar a cadeira 7 da ABL, no primeiro semestre deste ano. Apesar da mobilização social em prol de Conceição, a cadeira foi dada ao cineasta maceioense Cacá Diegues, colocando em análise, mais uma vez, a decisão da Academia!
Proponente: Flávia Carvalho.
Setor de Comunicação, Cultura e Eventos e Biblioteca.